

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS BAURU
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ERICA BRITO DIAS

**ENSINO COLABORATIVO NA PANDEMIA:
A PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DO AEE**

BAURU
2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS BAURU
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ERICA BRITO DIAS

**ENSINO COLABORATIVO NA PANDEMIA:
A PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DO AEE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências - UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Eliana Marques Zanata.

BAURU

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

	<p>Dias, Erica Brito Ensino Colaborativo na Pandemia: A Percepção de Professoras do AEE. 46 p.</p> <p>Orientadora: Eliana Marques Zanata</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura – em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2023</p> <p>1. AEE. 2. Educação Especial. 3. Ensino Colaborativo. 4. Pandemia. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. I. Título.</p>
--	--

EPÍGRAFE

A inclusão acontece quando “se aprende com as diferenças e não com as igualdades”

(FREIRE, 1998)

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a minha mãe, Maria que depositou toda sua fé através de orações a Deus, por minhas conquistas.

Dedico ao meu pai Ziomar, que com toda sua timidez é perceptível o seu orgulho de mim.

Dedico a meu esposo Neylan, que nunca deixou de acreditar em meu potencial, mesmo que eu desanime.

Dedico a meus irmãos, Erick, Elizomar e Daiana que celebram as minhas vitórias.

Dedico as minhas sobrinhas, Evelyn e Agatha, minhas joias preciosas.

Dedico a meus sogros Edmilson e Neilza, que acompanharam essa trajetória.

Dedico a minha orientadora, a Prof^a. Dr^a Eliana Marques Zanata que me acolheu com tanto carinho e me mostrou caminhos possíveis.

Enfim, dedico esta monografia a todos os meus familiares, amigos e professores que de alguma forma contribuíram para esta realização.

Não poderia deixar de dedicar esse trabalho a UNESP, que me proporcionou conhecimentos e uma formação de qualidade.

RESUMO

Este estudo é resultado de um trabalho de conclusão de curso que teve como objetivo compreender como os professores de AEE utilizaram dos serviços de apoio especializado que o ensino colaborativo dispõe, durante o período de ensino remoto. Com base na premissa de que o ensino colaborativo é um instrumento essencial de estratégia de inclusão, pois possibilita o compartilhamento de experiências, saberes e cumplicidade entre o professor do ensino comum e o professor do AEE, no qual essa colaboração contribui para o processo de ensino-aprendizagem do Estudante Público-Alvo da Educação Especial. Portanto, se fez necessário analisar, refletir e compreender as limitações e possibilidades desse profissional atuando em um dos contextos mais críticos que já existiram no país, a pandemia, bem como, discutir sobre os impactos do ensino remoto na aprendizagem dos estudantes PAEE. Participaram da pesquisa três professoras de AEE. A coleta de dados se deu por meio de um questionário investigativo, aplicado através da ferramenta online Google Formulários. Os resultados apontaram que as entrevistadas conhecem bem a proposta do Ensino Colaborativo e até as põe em prática, o que foi uma exceção no período remoto, pois a resistência em trabalhar em equipe por parte de muitos professores prejudicou a intenção da colaboração, além de se sentirem despreparadas para o contexto da pandemia. Por outro lado, o estudante PAEE, também sofreu impactos negativos em sua aprendizagem.

Palavras-chave: Atendimento Educacional Especializado, Ensino Colaborativo. Pandemia.

ABSTRACT

This study was the result of a course completion work that aimed to seek to understand how SES teachers used the specialized support services that collaborative teaching offers during the remote teaching period. Based on the premise that collaborative teaching is an essential instrument as an inclusion strategy, as it enables the sharing of experiences, knowledge and complicity between the common teaching teacher and the AEE teacher, in which this collaboration contributes to the teaching process-Learning of the Special Education Target Audience Student. Therefore, it was necessary to analyze, reflect and understand the limitations and possibilities of this professional working in one of the most critical contexts that have ever existed in the country, the pandemic, as well as discussing the impacts of remote teaching on the learning of EPAEE. 3 SEA teachers participated in the research. Data collection took place through an investigative questionnaire, applied through the online tool Google Forms. The results showed that the interviewees know the Collaborative teaching proposal well and even put it into practice, which was an exception in the remote period, as the resistance to working as a team on the part of many teachers undermined the intention of collaboration, in addition to becoming feel unprepared. On the other hand, EPAEE also suffered negative impacts on its learning.

Keywords: Specialized Educational Service, Collaborative Teaching. Pandemic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	O ENSINO COLABORATIVO E SUAS POSSIBILIDADES	11
3	A INCLUSÃO: NA PERSPECTIVA DA SALA DE AULA INCLUSIVA.....	18
4	AEE PERANTE A PANDEMIA DA COVID-19	21
5	O ENSINO REMOTO E AS POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS COLABORATIVAS FRENTE ÀS DIFICULDADES DA COVID-19.....	24
6	METODOLOGIA.....	29
6.1	Tipo de pesquisa.....	29
6.2	Participantes e procedimentos éticos	29
6.3	Instrumentos de coleta de dados.....	30
6.4	Procedimentos de coleta e análise dos resultados.....	32
7	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	33
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS	39
	APÊNDICES	43

1 INTRODUÇÃO

O Termo Colaborativo remete o conceito de colaboração, portanto se imagina duas ou mais pessoas trabalhando juntas, planejando e discutindo as possibilidades de resolução de um problema, em outras palavras, essas pessoas buscam alcançar um objetivo em comum. Na educação especial, no contexto escolar, essa meta está relacionada ao ensino de todos os alunos, sem distinção.

O Ensino Colaborativo enquanto serviço de apoio especializado e alternativo à sala de recursos dispõe do trabalho em colaboração entre professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e professor de sala de aula comum, para a promoção de estratégias de ensino inclusivas, pensadas e adaptadas para promover acesso à aprendizagem para todos os alunos, de modo equitativo. Importante observar que essas estratégias e alternativas são propostas justamente em razão das singularidades apresentadas como necessidades educacionais específicas de cada estudante, portanto, não acontece da mesma maneira, e sim considera o potencial e as demandas individuais de cada um. Em resumo, cada professor traz consigo sua personalidade e a troca de experiências resulta na diversidade de possibilidades de ensino.

Durante a pandemia da Covid-19 o mundo inteiro sofreu mudanças abruptas em sua rotina, diversos setores da realidade humana tiveram que passar por adaptações de realidade, desse modo, na área da educação não poderia ser diferente. O ensino escolar demanda uma rotina em diversas localidades do mundo, e aqui no Brasil, com a intervenção do distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais, uma modalidade de ensino se instaurou emergencialmente, o ensino remoto.

O ensino remoto evidenciou fragilidades sociais e problemas crônicos da educação do país, tais como: desigualdade econômica, racial e regional, além da dificuldade de acesso, permanência, inclusão e formação dos professores. Na perspectiva da convivência presencial, o EPAEE (Estudante Público-alvo da Educação Especial) foi afetado de forma excludente, na maioria dos casos, visto que a escola pode ser a fonte principal de socialização fora do contexto familiar, e logo, de repente esse indivíduo se viu isolado, sem estudos, sem perspectivas e

abandonado pela instituição de ensino que não possuía estratégias para lhe fornecer ensino de forma remota.

Para os professores, especificamente o professor de AEE as adversidades foram às mesmas em comparação a professores de sala comum, porém com o acréscimo das barreiras incumbidas à inclusão. A falta de recursos tecnológicos e de internet; planejamento pedagógico fragilizado; falta de recursos lúdico-pedagógicos além de despreparo procedimental, perante a realidade pandêmica, foram alguns dos desafios que dificultaram a prática educativa desse professor.

Esta nova realidade, imposta pela pandemia da Covid-19, não apenas impactou na vida profissional desse sujeito, mas a sua saúde física e mental. Professores se sentiram em conflito durante esse período e até duvidosos sobre sua prática educativa.

Nesta perspectiva, este estudo apresenta o interesse em dissertar a respeito das adversidades pedagógicas, vivenciadas pelos professores de AEE, durante a pandemia da Covid-19. Com o intuito de compreender esse contexto histórico, a temática da pesquisa explana sobre desafios da docência atuante da educação especial, enquanto uma crise sanitária se instaura no país.

A motivação pela realização deste trabalho, se deu a partir da explanação da temática, que engloba os questionamentos sobre como os professores de AEE utilizaram dos serviços de apoio especializado que o Ensino Colaborativo dispõe durante o período de ensino remoto? Além de refletir e compreender as limitações e possibilidades desse profissional e discutir sobre os impactos do ensino remoto na aprendizagem do EPAEE.

Enfim, segue-se com a apresentação dos capítulos que compõe esse trabalho, abordando os aspectos teóricos e metodológicos. O primeiro capítulo, apresenta uma revisão bibliográfica a respeito do Ensino Colaborativo e suas possibilidades, destacando a importância de sua formação nessa perspectiva, além da necessidade de sua continuação, no caso da formação continuada.

O segundo capítulo, trata da Inclusão: na via da sala de aula inclusiva, como aspecto importante e inerente a dialogia da inclusão. Enquanto o terceiro capítulo aborda o AEE no contexto da pandemia. O quarto capítulo discorre a problemática

do ensino remoto além das possibilidades de práticas colaborativas frente ao contexto de distanciamento social, oriundo da pandemia da Covid-19.

2 O ENSINO COLABORATIVO E SUAS POSSIBILIDADES

Ao iniciar no assunto deste capítulo primeiramente se deve diferenciar rapidamente o termo colaboração de cooperação, visto que, ao se pensar nesses termos, voltados a um único contexto, criamos a ideia de que ambos possuem o mesmo significado, porém, se entende que possuem diferenças em sua definição, mesmo que pouco aparente, a definição de cooperação no dicionário online, Aurélio da Língua Portuguesa em sua 5ª edição, se apresenta como: 1. Ato ou efeito de cooperar.

E, a definição de colaboração neste dicionário, se apresenta como: 1. Trabalho em comum com uma ou mais pessoas; cooperação. O que traz a ideia de que independente do dicionário ou a diferença de definição entre os termos, estes aparentam andar em conformidade no seu significado, por isso a confusão em separar ou diferenciar os adjetivos. Já que algum deles vai sempre remeter a ideia ao outro.

Na cooperação, as ações de cada indivíduo podem ser agradáveis para o outro, mas não resultam necessariamente em benefícios mútuos. Na colaboração, cada indivíduo participa com a sua parte num empreendimento comum cujo resultado beneficia todas as pessoas envolvidas. (LIMA, 2002, p. 46).

De acordo com a rápida análise, entre cooperação e colaboração, o segundo termo abrange algo maior e mais aprofundado, vai além de juntar ideias e estratégias, colaborar é a união de pessoas em prol de um único objetivo.

Envolvendo o assunto no contexto educacional, o qual é o objetivo desta escrita e cujo objeto de estudo é o ensino colaborativo, vale salientar que este se aplica na construção de práticas educativa voltadas para a educação especial. Mendes *et al* (2011) apresenta uma síntese muito esclarecedora a respeito do significado do ensino colaborativo:

O ensino colaborativo ou coensino é um modelo de prestação de serviço de educação especial no qual um educador comum e um educador especial dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar a instrução de um grupo heterogêneo de estudantes. Ele emergiu como uma alternativa aos modelos de sala de recursos, classes especiais ou escolas especiais, como um modo de apoiar a escolarização de estudantes com necessidades educacionais especiais em classes comuns. (MENDES, ALMEIDA, TOYODA 2011, p.85)

No âmbito educacional e inclusivo o ensino colaborativo apresenta-se como prestação de serviços que favorece apoio especializado a comunidade escolar e aqueles que têm como meta a inclusão do Estudante Público-Alvo da Educação Especial (EPAEE) no aspecto social, cultural e educacional de uma sociedade e/ou instituição de ensino, sem lhes causar distinção alguma, pois de acordo com (RABELO, 2012) enriquecida é a prática pedagógica que nela se faz uso da junção de experiências de profissionais de diferentes formações.

Professores de ensino comum e professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE) saíram das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) para fazer uso do ensino colaborativo, enquanto ferramentas de apoio, pleiteando aprimorar possibilidades de ensino ao EPAEE, melhorar sua estratégia e complementar suas metodologias, em prol de práticas docentes igualitárias a todos os alunos.

Conhecer o PAEE em sua particularidade também é uma forma de proporcionar desenvolvimento educacional ao aluno, visto que, ao se disponibilizar em conhecer um ser humano no profundo de sua individualidade não é apenas educação escolar que está se desenvolvendo nessa relação, também, confiança, autoestima e o sentimento de parceria entre os envolvidos, isto é, alavancar a relação aluno, professor, família e escola.

O processo de construção deste modelo de ensino não está apenas pautado em processos escolarizados e práticas educacionais, envolve pensar o aluno como ser de direitos. No que diz o Artigo 59, da Lei nº9.394/96 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que enfatiza atendimento a pessoas com necessidades especiais nas escolas, assegurando desde a criação de currículo, métodos, técnicas que possam atender as necessidades desses alunos, além de promover ensino de qualidade, desde a capacitação do professor até a integração desse aluno em sociedade.

Fazendo uma varredura na literatura, a respeito do o Ensino Colaborativo, estudos e pesquisas nessa área. Serão citados alguns autores da literatura nacional que se destacam no acervo da temática desta pesquisa, alguns já foram e serão citados no decorrer deste trabalho. Em destaque o forte encabeçamento feminino que dissertam sobre o assunto, são elas:

Capellini (2004), em sua tese de doutorado “Avaliação das possibilidades do ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental.” a autora analisa algumas das implicações que cercam a funcionalidade do ensino colaborativo, enquanto serviço de apoio da inclusão escolar. A autora discute sobre a formação inicial e continuada de professores de ensino comum e especial que trabalham em colaboração, bem como, o verdadeiro papel do professor de educação especial na sala de aula comum.

Zerbato (2014), em sua dissertação “O papel do professor de educação especial na proposta do coensino.” Busca definir o papel do professor de educação especial, segundo a proposta do coensino, investigando a percepção dos chamados “atores” que são os professores de ensino comum e especial, diretores, coordenadores, pais e alunos. Além de esclarecer os desafios de exercer a docência dentro da sala de aula comum para alunos público-alvo da educação especial e como o coensino é visto pelos entrevistados.

As autoras em suas pesquisas destacam o ensino colaborativo/coensino como um dos mais promissores serviços de apoio a inclusão, que está em ascensão e que favorece a escolarização do estudante PAEE nas classes comuns. Além de seguir os mesmos preceitos que regem a educação inclusiva é também uma favorável alternativa de serviço de apoio para a inclusão.

Zanata (2004), em sua tese de doutorado intitulada “Práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa.” A pesquisadora faz uso do ensino colaborativo como ferramenta de implementação a formação continuada dos professores de sala de aula comum, pois avaliou-se a necessidade de qualificação na formação docente, tendo em vista, melhorias na prática pedagógica desse professor para então fornecer ensino de qualidade ao aluno com necessidades especiais.

Rabelo (2012), e sua tese de doutorado “Ensino colaborativo como estratégia de formação continuada de professores para favorecer a inclusão escolar.” A autora buscou estudar as possibilidades em se aplicar experiências de ensino colaborativo juntamente a professores de ensino comum e professores de educação especial para potencializar a formação continuada desses professores, assim complementar

conhecimentos, para que essa proposta venha propiciar inclusão escolar de estudantes autistas.

A ideia inicial do ensino colaborativo é que dois professores de áreas diferentes de ensino, possam trabalhar em colaboração e alcançar um propósito. Essa ideia não deixa de ser perceptível nas pesquisas das autoras, e foi visível também a preocupação com a formação do professor. A forma na qual foi empregada a gama de recursos que o ensino colaborativo oferece, esta não corrobora apenas com a qualificação desse profissional, mas também na reflexão de sua prática docente.

Vilaronga (2014), em sua tese de doutorado “Colaboração da educação especial em sala de aula: formação nas práticas pedagógicas do coensino.” Que teve como objetivo implementar um programa de formação para professores de educação especial que atuam na rede regular de ensino, com a finalidade de observar o processo formativo desses sujeitos oriundo da proposta colaborativa adotada.

Mendes; Almeida; Toyoda (2011) relatam sobre experiências e resultados obtidos com o projeto de formação direcionados a estudantes universitários e professores de ensino comum que possuem alunos com necessidades educacionais especiais em sua sala. O projeto “S.O.S Inclusão” atuou com o modelo de “consultoria colaborativa” oportunizando o trabalho de colaboração entre a universidade pública e a escola.

Oferecer recursos que favoreça capacitação a formação de professores, preocupação com o ensino e aprendizagem dos Estudantes Público-Alvo da Educação Especial, compromisso com a inclusão e principalmente parceria entre instituição de ensino superior e instituição de educação básica, é o objetivo desse professores/autores/pesquisadores, que se unem em busca de um bem maior, a educação. São aspectos presente nos estudos que enriquecem a literatura do Ensino Colaborativo.

Diversas foram às formas, que o ensino colaborativo pode ser apresentado pelas autoras, em um contexto educacional, como mostraram as pesquisas anteriores. E de se esperar que uma escola do século XXI, possuam demandas, um

tanto, desafiadoras. Os atuais docentes precisam estar preparados para as mudanças que surgem com o passar dos anos no espaço escolar, o que fica evidente na afirmação,

A escola, como uma instituição, deve procurar a socialização do saber, da ciência, da técnica e das artes produzidas socialmente. Deve estar comprometida politicamente e ser capaz de interpretar as carências reveladas pela sociedade, direcionando-as em função de princípios educativos capazes de responder as demandas sociais. (CAPELLINI, 2004, p. 48)

Neste sentido, conclui-se que seja necessário garantir a todos os indivíduos envolvidos, no contexto educacional, qualidade de vida, em todas as etapas sendo social, econômica, física e psicológica. No caso do professor, fazê-lo sentir-se lembrado por outras instituições de ensino, e que suas frustrações gerem comoção à medida que se mobilizem a ajudá-lo, é se preocupar com a educação desde o mediador do ensino, o professor.

Se importar com a formação desse professor, além de ser uma observação inerente e muito comum, na maioria das pesquisas citadas é um ato de afeto com o próximo. Esclarecendo os termos “importância” e “preocupação” utilizados neste capítulo, foram formas de dar ênfase a o comprometimento das pesquisadoras com a educação, em especial a inclusão de estudantes que possuem necessidades educacionais especiais. Além, da visibilidade das possibilidades de realização do Ensino Colaborativo, como instrumento ou serviço de apoio utilizado nas pesquisas.

Como citado anteriormente, muitas são as possibilidades de instaurar o Ensino Colaborativo no campo educacional, porém foi muito observado nas pesquisas analisadas, a possibilidade do ensino colaborativo como programa/projeto de formação inicial e continuada para professores e futuros professores, tanto os de ensino comum, quanto os próprios professores da educação especial, das escolas públicas de ensino básico, como forma de melhoria na atuação para a inclusão escolar.

Muitos professores do ensino comum percebem a necessidade de aperfeiçoamento de sua prática, durante sua vivência no ambiente escolar, enquanto se depara com um aluno especial em sua turma, esse professor acaba por entender que para solidificar uma proposta inclusiva e de qualidade, precisava estar

preparado desde sua formação inicial, e neste momento de enfrentamento de desafios que percebem a necessidade de uma formação continuada.

A formação continuada surge como opção que irá complementar a formação inicial do professor, oferecendo o suporte necessário para aperfeiçoar sua prática docente, no que se refere à inclusão do estudante especial, (CARVALHO, 2015). Em se tratando a necessidade de preparo do professor ao enfrentamento das adversidades encontradas em sala de aula, ressalto outra possibilidade de implantação do ensino colaborativo nas escolas, através da “intervenção colaborativa” evidenciada pela pesquisadora Zanata (2004).

Foi previamente acordado com as professoras que o esquema de trabalho seria pautado na tríade ação-reflexão-ação, e que utilizando o recurso da filmagem da prática pedagógica em sala de aula, para posterior reflexão, e nova ação sobre as estratégias propostas, sugeridas e realizadas. (ZANATA, 2004, p. 92)

Nesta proposta, o pesquisador tem por intuito ajudar o professor a refletir sobre sua prática pedagógica aplicada, mesmo que isso requeira a exposição através de filmagens, para então se for necessário, reuplicá-la com a segurança de que foram repensadas e replanejadas de acordo com as necessidades identificadas na turma, sob a orientação da pesquisadora e demais colaboradores, que se disponibilizam a fazer um trabalho em colaboração a esse professor.

O professor precisa ter oportunidade de refletir e discutir sobre sua prática, mesmo que estas ações não obtenha o resultado esperado, ainda assim, é indispensável discutir coletivamente sobre a necessidade de mudanças, “[...]iniciar o exercício de observar e estudar a própria ação[...]” Capellini e Mendes (2007, p.114) em um ambiente coletivo, esta favorece maior reflexão, criação consistente de estratégias e avaliação efetiva da ação do professor.

O Ensino Colaborativo, enquanto modelo de prestação de serviço de educação especial, em sua proposta, sugere que os serviços de apoio pedagógico estejam alinhados aos princípios da classe comum. No que se refere aos profissionais envolvidos, se faz necessário o diálogo entre os professores de educação especial e ensino comum, bem como, apoio da equipe gestora da escola, buscando colaboração nos serviços e respeito ao trabalho do próximo.

Sabemos, que para o Ensino Colaborativo ter sucesso em sua implementação é indispensável à comunicação entre os professores, de acordo com Ramos, Amorim, Paiva e Honnef (2021, p. 27) “Nas escolas existem fatores que dificultam e colaboram com a prática dos professores, e isso faz parte de todas as realidades escolares[...]”. O que se sabe, é que independente das adversidades existente na articulação entre os professores, o esforço deve ser mútuo.

3 A INCLUSÃO: NA PERSPECTIVA DA SALA DE AULA INCLUSIVA

Uma Sala de Aula Inclusiva é um objetivo traçado pela escola pública há várias décadas, no entanto nunca foi uma tarefa fácil de assumir. Afinal é uma tarefa que requer muitas demandas de cunho administrativo e pedagógico da escola, da interação entre os alunos e da parceria entre os professores, pois são questões necessárias para a garantia de uma educação inclusiva.

Ao se pensar nas adversidades que a escola enfrenta para administrar a inclusão escolar dentro de suas salas de aula, na modalidade presencial, vislumbrou-se a modalidade remota oriunda da infecção do novo coronavírus, que culminou ainda mais as lacunas da inclusão.

Uma parte importante do trabalho de inclusão, no ambiente escolar, dos alunos com deficiência, é o contato com os demais estudantes e com a comunidade escolar, no ambiente escolar, cujas experiências adquiridas nesse ambiente favorecem a sua inclusão. Se normalmente com o ensino presencial a sala de aula comum apresenta desafios a serem superados, se imagina que com as aulas remotas, por causa do distanciamento social, oriundo da pandemia da Covid-19 iniciado em 2020, os desafios da inclusão se multiplicaram, tornando-se prejudiciais à educação inclusiva de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs).

A gestão escolar, professores e alunos se depararam com mudanças instantâneas em sua rotina, adaptações em um novo ambiente de aprendizagem, que se configura em: suas casas e o ambiente virtual, de alguma plataforma de internet, no qual foram submetidos emergencialmente por falta de opção.

A escola e seu currículo; professores e sua prática docente; o aluno e o ambiente de estudo se tornaram protagonistas de uma história, na qual foram largados em uma realidade desconhecida e que a partir de agora terão de lutar para sobreviver nesse novo normal.

Vale ressaltar, que todos os esforços empenhados nesse período de conflito do âmbito educacional, em prol de uma educação inclusiva, deve ser validados a partir de reflexões sobre a criação da escola inclusiva.

Durante a Conferência Mundial de Educação Especial a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), surgiu com propostas inovadoras para a promoção de políticas públicas direcionadas a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no âmbito escolar da educação básica, preconizando os direitos sociais, político e humanitário desses indivíduos. A respeito da escola inclusiva a declaração orienta em nível internacional que:

Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder as necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos educacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parceria com as comunidades. (SALAMANCA, 1994, p. 5)

É de fato que a inclusão é transformadora de vidas, todos os sujeitos que se dispõem a trabalhar com a inclusão são pessoas comprometidas com o bem-estar do próximo, esse comprometimento tende a corroborar para discussões e reflexões acerca de necessidade de inclusão, o que implica na existência de políticas públicas que alcance a todos os indivíduos e que torne a vida em sociedade possível.

Enquanto isso, no âmbito da sala de aula inclusiva, mudanças conceituais se transformam de acordo com a interatividade entre os envolvidos, os professores além de capacitados, desenvolvem práticas pedagógicas adequadas à necessidade da turma, os estudantes com deficiência exploram suas capacidades de interação social e cognitiva, os estudantes sem deficiência aprendem a conviver empaticamente com as diferenças, enquanto adaptações curriculares estão sendo discutidas pela gestão e grupos de serviço de apoio pedagógico especializado, recomendado nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial (BRASIL, 2001).

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) assegura ao estudante PAEE inclusão escolar, desde a educação básica até níveis mais elevados de ensino. Ainda na perspectiva da inclusão escolar, órgãos governamentais como a Diretoria de Políticas de Educação Especial (DPEE) criam programas de apoio ao aluno, incluído no ensino regular, e a formação docente, são ações fundamentais para a promoção da educação especial inclusiva, além dos recursos didáticos, pedagógicos e serviços de apoio.

Por fim, diversas são as tentativas de criar uma escola para todos, a sala de aula ideal no pressuposto da educação inclusiva ainda se encontra em construção e para que continue no caminho certo, na concepção de (BUENO, 2016) deve-se rever políticas públicas e manutenção curricular nas escolas, bem como, a organização do espaço, no intuito de favorecer a potencialidade dos alunos.

4 O AEE PERANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Seguindo o panorama da inclusão escolar nas instituições de educação básica do país, o AEE foi criado para assegurar educação escolar inclusiva para o estudante PAEE que, segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), são aqueles estudantes com deficiência física, auditiva, visual, intelectual, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidade/superdotação.

Essa inclusão vem sendo apoiada, através dos diversos instrumentos legais que orientam os sistemas básico de ensino para a oferta do AEE, tais documentos são: (BRASIL,1988; BRASIL. MEC, 2008; BRASIL. MEC. CNE. CEB, 2009; BRASIL, 2011; BRASIL, 2015), através desses o AEE é tido como estratégia de inclusão e/ou serviço de apoio a inclusão, que tem por finalidade ajudar o aluno com necessidades educacionais especiais a alcançar os objetivos proposto à sua educação.

Ainda, segundo os documentos oficiais (BRASIL. MEC, 2008; BRASIL. MEC. CNE. CEB, 2009; BRASIL, 2011), o AEE pode ser ofertado em Salas de Recursos Multifuncionais no qual é suprimido de equipamentos, mobiliários e materiais didático-pedagógico adequado e destinado à escolarização dos alunos com necessidades educacionais especiais, além de seu ensino estrategicamente ser ministrado no contraturno das atividades educacionais do ensino comum.

Um ponto importante é que, preferencialmente, o AEE deva ser ofertado na mesma instituição a qual o aluno estuda regularmente, pois segundo Turchiello, Silva e Gareschi (2014) a proximidade entre o professor do AEE e o professor do ensino comum beneficia a aprendizagem do aluno. Desta forma, os dois profissionais são capazes de oferecer um suporte melhor a esse indivíduo, devido à troca frequente de ideias e interações.

No tocante, ao assunto sobre interação e proximidade entre os professores, será de grande importância mencionar a situação a qual o AEE e seus integrantes vivenciaram durante o período da covid-19. O que hoje em dia se pode observar e a pesquisa científica pode comprovar. Foi um período de grande dificuldade para o AEE, a SRM, para os professores, para os alunos, para as famílias e principalmente para a educação.

Os desafios, que já não eram poucos, sobretudo em relação à inclusão e à participação efetiva dos estudantes público-alvo da educação especial (PAEE), tornaram-se ainda mais expressivos diante dos impactos vividos pela comunidade escolar em meio à pandemia do novo Coronavírus (Sars-CoV 2). (NETO, SIMONE, CARVALHO, 2021, p.01).

Em decorrências das recomendações emergenciais tomadas pela OMS (Organização Mundial de Saúde) e as medidas municipais de prevenção, deu início ao momento mais complexo da atuação docente do país, todos tiveram de se acostumar às imposições do distanciamento social e improvisar diante das dificuldades que vieram à tona com a implantação de um ensino remoto emergencial.

Diante desse contexto caótico da educação, o professor do AEE ficou impossibilitado de exercer sua função com vigor, pois de acordo com as medidas de prevenção que tiveram de serem adotadas pelos estados e municípios, todas as escolas públicas e privadas, de ensino básico e superior suspenderem-se as aulas em respeito ao distanciamento social. Com o passar do tempo, as infecções pela covid-19 só se agravavam, e as necessidades de reorganizar o sistema de ensino começam a serem repensadas de acordo com aquele cenário pandêmico.

Diversas entidades governamentais emitiram pareceres e resoluções aos conselhos estaduais e municipais de educação, com o intuito de orientar a retomada do ensino, mesmo que de forma remota. O documento que consta sobre o parecer CNE/CP nº 05/2020 trata da reorganização do calendário escolar em razão da Pandemia da COVID-19, além da possibilidade de atividades não presenciais para o cumprimento da carga horária mínima anual exigida. O trecho que fala sobre a educação especial no item 2.13 determina:

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) deve também ser garantido no período de emergência, mobilizado e orientado por professores regentes e especializados, em articulação com as famílias para a organização das

atividades pedagógicas não presenciais a serem realizadas. (BRASIL, 2020, p. 15).

As recomendações de retomada das aulas por meio do ensino remoto foram direcionadas a todos os níveis, etapas e modalidades de ensino. No que se referem à educação especial, os municípios possuíam autonomia ao planejar a retomada do ensino, desde que essas medidas garantissem a oferta dos serviços, estratégias e recursos com qualidade ao atendimento dos estudantes da educação especial.

Os professores de AEE e os professores regentes tiveram de atuar em colaboração com a equipe escolar nos planejamentos, seleção dos materiais escolares e principalmente na orientação as famílias. Durante esse período de aulas remotas, todos esses indivíduos necessitaram de articulação uns com os outros, visto que, essa colaboração influenciava no objetivo final, garantir suporte a aprendizagem dos estudantes PAEE, recomendações ainda de acordo com a CNE/CP nº 05/2020.

5 O ENSINO REMOTO E AS POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS COLABORATIVAS FRENTE ÀS DIFICULDADES DA COVID-19

Em meio à pandemia da Covid-19 no ano de 2020, especificamente logo após o início do ano letivo, o sistema de ensino brasileiro enfrentou o problema da falta de escolarização presencial, quando o cotidiano de sala de aula mudou-se obrigatoriamente de espaço físico. Neste cenário, professores e alunos tiveram apenas seus familiares no posto de colegas de classe e de trabalho, sendo que, eles também se encontravam na mesma situação, em isolamento social como medida preventiva, dentro de suas casas.

A escola que, para além do caráter e função educadora, como instituição de encontros e convivências sociais, não poderia ficar muito tempo com suas portas fechadas e seu ensino sem execução. Então, a escola e o sistema público de educação, tiveram de repensar possibilidades de retomada das aulas. Neste momento o ensino remoto foi visto como substituto emergencial às aulas presenciais que haviam sido suspensas. Deste modo, professores e alunos de todos os níveis e modalidades de ensino tiveram de se adaptar ao ensino remoto mediado pelas tecnologias.

Nesse cenário, muitos foram os países que recorreram, com maior ou menor sucesso, à educação a distância (EAD) e variadas formas de ensino remoto para diminuir os impactos da pandemia sobre o cotidiano escolar. As alternativas iam desde aquelas que envolvem alta tecnologia, como a gravação de videoaulas em tempo real e sua disponibilização em plataformas online, até a produção de programas educativos para serem veiculados em emissoras de rádio e televisão. (MAGALHÃES, 2021, p.1264)

Diante deste cenário, a internet e suas tecnologias entraram em campo a nível mundial, com a possibilidade de derrubar as barreiras de relacionamento, oriundas do distanciamento social. No Brasil algumas das ferramentas tecnológicas foram mais utilizadas que outras, como é o caso do *WhatsApp*, que antes visto como um aplicativo de mensagem, durante a pandemia suas possibilidades foram ampliadas quebrando paradigma de tempo e espaço.

O uso do *WhatsApp* se deu como ferramenta, para realização das aulas remotas. Através deste o professor pode ministrar aulas, orientar os estudantes nas atividades, enviar links, vídeos, imagens e documentos relacionados à intenção da aula, além de manter a relação de contato com os alunos e famílias destes. A

ferramenta foi fundamental no diálogo entre os professores e a coordenação pedagógica, que se mantinham atualizados sobre as tomadas de decisões e reuniões através dos grupos de mensagem dessa ferramenta. Trabalhos como o de Guerra *et al* (2021) e Raasch; Cristofoleti, 2020) que utilizaram o aplicativo como recurso de comunicação.

Raasch; Cristofoleti (2020) em seu artigo nos apresentam, propostas de colaboração que deram certo, utilizando o *WhatsApp* como ferramenta de interação com seus alunos, as pesquisadoras avaliaram para essa pesquisa, as práticas educativas desenvolvidas por uma professora de ensino regular e duas professoras de AEE, além das relações de ensino entre professor e aluno, que se estabeleciam durante aquele período de pandemia. Professora “[...] *ele tá sempre comigo, [...] no WhatsApp, [...] ele não faz nenhuma atividade sem tá me perguntando*”...

Aluno: “*não tá ruim não tia, tá bom [...] quando tá difícil eu peço ajuda à tia...*”. Ainda de acordo com as autoras, as atividades eram elaboradas por disciplina e necessidade pedagógica do aluno. Na pesquisa de Silva *et al.* (2020) as ferramentas de comunicação utilizadas foram o *WhatsApp* além da plataforma *Google Classroom*, as atividades eram produzidas coletivamente por uma equipe técnica da rede de ensino do município e disponibilizada as escolas que selecionam a atividade adequada a seu aluno PAEE, que disponibiliza as famílias dos alunos via *WhatsApp*, se necessário essas atividades podem ser impressas, para facilitar alcance a os alunos.

Na pesquisa de Cruz *et al.* (2021) as práticas educativas ocorreram através de apostilas impressas é o recurso de mensagem do *WhatsApp* facilitou para que o professor de AEE pudesse ter contato diário com o aluno e seus responsáveis, lhes fornecendo instruções sobre as atividades, além de, enviar vídeos e áudios relacionados ao conteúdo.

Uma das práticas muito comum utilizada pelos professores durante o período de aulas remotas é a elaboração de apostilas impressas, o professor elabora a apostila conforme os conteúdos do período escolar sempre direcionando a necessidade do aluno. Durante esse período de pandemia, nota-se a dificuldade na colaboração entre os professores, visto que, a responsabilidade de ensino dos

estudantes PAEE recaiu, na maioria das vezes, somente sobre o professor de educação especial.

Dentre as dificuldades que a Covid-19 constatou, o ensino remoto evidenciou desigualdades sociais no país, de norte a sul, estudantes tiveram perdas escolares irreparáveis, discrepância econômica, desigualdade regional e a falta de acesso às ferramentas tecnológicas e digitais, tornando-se um tropeço na vida de estudantes e famílias em estado de vulnerabilidade socioeconômica. A pesquisa do Data Senado durante o mês de julho, destaca que.

Entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de Covid-19, enquanto que 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas online não possuem acesso à internet (AGÊNCIA SENADO, 2020).

Em relação ao país, nota-se significativamente o despreparo em situações como esta. Para que o ensino remoto funcione, mesmo de forma emergencial/temporário, segundo Saviani.

[...] determinadas condições primárias precisariam ser preenchidas para colocar em prática o “ensino” remoto, tais como o acesso ao ambiente virtual propiciado por equipamentos adequados (e não apenas celulares); acesso à internet de qualidade; que todos estejam devidamente familiarizados com as tecnologias e, no caso de docentes, também preparados para o uso pedagógico de ferramentas virtuais (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p.38)

Ao se analisar a realidade dos pequenos municípios desprovidos de recursos pedagógicos e de assistência à pessoa com deficiência, e ao professor desses lugares com pouco ou quase nenhum recurso tecnológico. A incidência de despreparo ao impor um sistema de “ensino” remoto, sem as condições mínimas de acesso a população, implica futuramente na educação do aluno.

[...] em uma realidade em que há mais de 4,5 milhões de brasileiros sem acesso à internet banda larga e mais de 50% dos domicílios da área rural não possuem acesso à internet. Em uma realidade em que 38% das casas não possuem acesso à internet e 58% não têm computador (ANDESSN, 2020, p. 14).

Mesmo, com todas as dificuldades instauradas no sistema público de educação, as redes de ensino público, estaduais e municipais, tomaram a iniciativa de seguir com o calendário escolar, com mínimas condições de oferecer acesso e permanência a os estudantes PAEE, durante o período de aulas remotas. Afinal, não

é finalidade, de o autor minimizar as carências da falta de estrutura do país em um momento pandêmico, para usar como justificativa a precarização da educação.

Porém, a Pandemia da Covid-19 chegou a um momento de despreparo da educação, nenhuma escola, professor ou aluno antes, poderia imaginar ou vivenciar esse tipo de acontecimento. Quem poderia imaginar que no mês de março de 2020, o distanciamento social, culminaria na suspensão das aulas presenciais? E que a partir desse momento as rotinas de estudos de todos os alunos, iria passar por mudanças nunca vistas anteriormente.

Outro ponto, importante a se destacar junto às dificuldades impostas com a chegada do novo coronavírus, e que a atenção mundial da grande massa da população, não pensou em mais nada, a não ser, em sua própria segurança. A letalidade do vírus obteve os holofotes voltados para ele, sem deixar expectativas futuras de vida, a certo período. Sendo assim, não haveria de esperar reação diferente a um vírus mortal.

No Brasil, a Covid-19 “acometeu mais de quatro milhões e oitocentas mil pessoas, destas levando a óbito cerca de cento e cinquenta e seis mil” de acordo com (SAVIANI; GALVÃO, 2021). Uma crise sanitária como esta, de grandes proporções, só poderia esta acompanhada de consequências devastadoras. Enquanto, o luto pairava sobre a educação do país, professores tiveram de seguir em frente em suas tarefas, mesmo acometidos, pelo luto da perda de um ente querido, um colega de trabalho, um aluno.

A mesma situação se encontrava os estudantes, trancafiados em suas casas, sem perspectiva de retorno as aulas, sem possibilidade de lazer e até mesmo sem poder visitar os avós e pessoas idosas, por conta, da idade ou doenças/comorbidade que enfraquecem o sistema imunológico destes. Além das frustrações familiares durante esse período, o estresse com o autocuidado, lavar as mãos com frequência, passar álcool em gel, higienizar as compras, usar máscaras de proteção facial, o desemprego, de acordo com o IBGE o terceiro trimestre do ano de 2020 teve a maior taxa de desemprego com 14,9% de desempregados no país.

Muitos foram os dilemas a serem enfrentados pela educação no país, não bastasse professores e alunos sofrerem as consequências da vida, fora do ambiente

escolar, bem como o ambiente escolar e suas problemáticas, desencadeada nesse período de pandemia, foi transferido para o ambiente familiar.

A falta de equipamentos de tecnologia (celular, tablete, computador, notebook), falta de internet de qualidade, como se não bastasse, todos esses problemas de acesso ao “ensino” remoto, deparam-se dificuldades do professor perante as ferramentas de tecnologia e ao ambiente virtual, que desencadeou transtornos a sua prática docente, pois este não se sentia preparado para ministrar aulas no ensino remoto.

Com tantos desafios, vivenciado em um cenário instável, sem nenhuma familiaridade ao ensino remoto, os professores da educação especial necessitavam além da colaboração entre o professor de sala comum, da colaboração familiar por parte dos alunos. As famílias enfrentavam diversos problemas pessoais, que deixavam de lado a escolarização dos seus filhos, culminando na evasão escolar de EPAEE e baixos índices de rendimento escolar.

6. METODOLOGIA

Este trabalho buscou investigar fenômenos sociais, para melhor explorá-los e entendê-los, por isto, esta pesquisa é de ordem qualitativa. O levantamento bibliográfico que sustenta a fundamentação teórica dessa pesquisa, na qual visa aprofundar estudos sobre os impactos que a pandemia da Covid-19 desencadeou, dificultando a prática pedagógica dos professores que atuam com o Ensino Colaborativo, se deu através das bases de dados virtuais *Google Acadêmico*, *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)* e *Athenas* biblioteca virtual da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

6.1 Tipo de pesquisa

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa, na qual prioriza o elemento humano, ou seja, este estudo versa sobre análise de fenômenos que de alguma forma trouxeram algum tipo de impacto para a vida do homem e o objetivo é explaná-los para entendê-los. A eficiência da análise qualitativa da pesquisa está na interpretação desses fenômenos, pautados na fundamentação teórica de Gil (2008).

A pesquisa ajusta-se a os princípios do estudo de campo, o qual irá investigar determinados fenômenos de um determinado grupo social, focalizando no aprofundamento das questões levantadas. Ainda de acordo com Gil (2008) a análise dos dados irá depender do estilo do pesquisador.

Então, optou-se na elaboração de um questionário investigativo, para a coleta dos dados da pesquisa e para análise desses dados, a análise de conteúdo por Bardim (2011) que trata os resultados em três fases: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; 3) Tratamento dos resultados.

6.2 Participantes e procedimentos éticos

As professoras que participaram desta pesquisa atuam no contexto da Educação Inclusiva, especificamente no AEE. Aceitaram participaram da pesquisa três professoras, que serão descritas e contextualizadas no quadro 1. Os aspectos da vida profissional das participantes serão denominados de acordo com o código de identificação: P1, P2 e P3, para preservar a privacidade das participantes.

Quadro 1 – Perfil dos Participantes da Pesquisa

Identificação	Nível de Formação	Tempo de Serviço na Educação	Tempo de Serviço na Ed. Especial ou AEE	Nível de conhecimento sobre o Ensino Colaborativo
P1	Pós-Graduação Lato Senso	15 anos	3 anos	Conhece Inteiraente
P2	Mestrado	12 anos	9 anos	Conhece Inteiraente
P3	Mestrado	16 anos	5 anos	Conhece e Põe em Prática

Fonte: Elaboração Própria

Todos os participantes da pesquisa são do sexo feminino, duas das professoras possuem Mestrado na área de Educação e atuam de cinco a nove anos na Educação Especial. Um fator importante é que as professoras possuem conhecimento da proposta do Ensino Colaborativo e colocam em prática nas escolas onde atuam com o AEE.

Elas aceitaram participar da pesquisa e assinaram virtualmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, importante esclarecer que o mesmo se encontra na integra nos apêndices deste trabalho.

6.3 Instrumentos de coleta de dados

Os dados coletados foram formalizados através da coleta de informações em um questionário investigativo, disponibilizado pela ferramenta *Google* Formulários, composto de perguntas abertas e fechadas, totalizando 18 perguntas, sendo elas: 14 perguntas abertas e 3 perguntas fechadas, mais 1, a pergunta de diagnostico, que ficou localizado na sessão de perfil dos entrevistados, que também é uma pergunta fechada afirmativa.

Quadro 2 – Questionário Investigativo

Questões
1. Durante o período de pandemia da Covid-19 você se sentiu preparado (a) para atuar com ensino remoto no AEE? Justifique.
2. O ensino remoto perdurou em nosso país cerca de dois anos. Nesse período você conseguiu planejar, repensar ou adequar sua prática pedagógica?

3. As expectativas de seu planejamento escolar no período remoto foram atendidas? Relate uma prática pedagógica bem-sucedida.
4. Quais foram às medidas iniciais tomadas pela gestão escolar para alcançar o aluno PAEE?
5. Quando foi decretado o isolamento social e suspensão as aulas, como a escola em que você estava atuando, organizou e disponibilizou as atividades educacionais no modo remoto em termos de agilidade e acolhimento dos educandos?
6. Quais os materiais e recursos (físicos, tecnológicos e virtuais) que a escola disponibilizou ou recomendou sua utilização para melhor atender a prática docente?
7. Em relação à sua comunicação com o aluno PAEE e a família, você considera que:
8. Com relação à escola e família. Em sua opinião a família se fez presente na escolarização dos PAEE no período de ensino remoto.
9. Em sua opinião a gestão escolar ofereceu suporte à os familiares de PAEE?
10. Durante a Pandemia da Covid-19 você conseguiu pôr em prática a proposta do ensino colaborativo? Sim ou não? Justifique.
11. Considerando seu planejamento e ação, cite uma estratégia que utilizou em conjunto ao professor de ensino comum para o desenvolvimento das atividades educacionais no período remoto.
12. Sua experiência no âmbito da educação especial, em detrimento ao ensino colaborativo, lhe capacitou adequada ou suficientemente para enfrentar as adversidades encontradas durante o período de atividades educacionais remotas oriundas da Pandemia da Covid-19?
13. Como você classifica o ensino/trabalho colaborativo na instituição de ensino que você desempenhou sua função durante o período do ensino remoto?
14. Antes da Pandemia da Covid-19 você obteve alguma experiência de atendimento educacional especializado de forma remota? Comente.
15. A suspensão das aulas presenciais impactou negativamente a aprendizagem dos alunos. Quais estratégias ou protocolos utilizados por seu município na tentativa de suavizar os prejuízos pedagógicos?
16. Levando em consideração o nível de ensino que você atua enquanto docente. Você considera maior ou menor o prejuízo pedagógico, causado pela suspensão das aulas presenciais, comparado a outros níveis de ensino?
17. Deixe um depoimento ou comentário que julgar importante sobre o ensino colaborativo ou sua ausência durante o período do ensino remoto.

Fonte: Elaboração Própria

Após a coleta dos dados, as respostas foram analisadas e categorizadas de acordo com a temática das questões, com o intuito de descobrir a percepção das entrevistadas a respeito das adversidades que enfrentaram durante o período remoto, para pôr em prática o Ensino Colaborativo em parceria com o professor do ensino comum. Para melhor análise, o questionário investigativo encontra-se em íntegra nos apêndices dessa pesquisa.

6.4 Procedimentos de coleta e análise dos resultados

As participantes convidadas para esta pesquisa foram selecionadas por conveniência, por serem professoras do AEE, sendo o único critério de participação, que estivessem atuando em AEE durante o período de ensino remoto, oriundo da pandemia da Covid-19. Após a seleção das participantes, o questionário lhes foi encaminhado através da ferramenta online, *Google* Formulários, juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido para participação da pesquisa.

Após a coleta das respostas, os dados foram analisados e agrupados de acordo com a temática específica. O agrupamento das respostas se deu em categorias, a saber:

- 1) Confiança/Preparo Pedagógico do Professor de AEE;
- 2) Tomada de Decisão das Escolas, perante o Enfrentamento das Adversidades em Período de Pandemia;
- 3) Comunicação Entre Escola e Família;
- 4) O Ensino Colaborativo;
- 5) Os impactos da pandemia na aprendizagem dos alunos. Cada categoria comporta de três a cinco questões.

E cada categoria comporta de três a cinco questões analisadas para obter a síntese das respostas de cada professora.

A análise dos dados foi feita a partir das respostas do perfil das entrevistadas e do questionário investigativo. Apresentadas em formato de quadros, seguido do texto de análise.

7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da organização das respostas obtidas, este capítulo tem por finalidade apresentar e discutir os resultados da pesquisa qualitativa, realizadas com professoras de AEE que estiveram em atividade durante o ensino remoto, oriundo da pandemia da Covid-19 no Brasil.

O perfil das entrevistadas foi exposto anteriormente para conhecimento dos participantes da entrevista, além da exposição do questionário investigativo, o qual norteou e deu origem a essa pesquisa.

Análise dos resultados se deu da seguinte forma. O Quadro 2, representado pelas questões 1, 2, 3 do questionário investigativo, versa sobre o professor sentir-se confiante em sua prática docente perante situações de conflito.

Quadro 2 – Confiança/Preparo Pedagógico do Professor de AEE

Professoras	Síntese das Respostas
P1	<i>Não se sentiu preparada, por questões pessoais e profissionais. Depois de muito trabalho e estudos conseguiu se superar.</i>
P2	<i>Não se sentiu preparada, sentiu necessidade de repensar toda sua prática pedagógica, pois não conseguiu aproveitar todo seu planejamento.</i>
P3	<i>Teve um pouco de dificuldade no início, conseguiu se adaptar a nova realidade.</i>

Fonte: Elaboração Própria.

De acordo com a análise dos resultados, maioria das professoras não estava preparada para a nova realidade, o ensino remoto era novidade, precisava de experiência, pois de acordo com Arruda (2020), o docente precisa se preparar para enfrentar as dificuldades dessa nova modalidade de ensino. Neste caso, existe a necessidade de modificação das metodologias abordadas pelo docente, e seguir de acordo com o atual contexto.

No Quadro 3, as questões 4, 5 e 6 têm por objetivo apresentar o resultado dos questionamentos a respeito das medidas tomadas pela escola, para alcançar seu público-alvo e ofertar recursos e subsídios para permanência do aluno e aprimoramento da prática docente.

Quadro 3 – Tomada de Decisão das Escolas, Perante o Enfrentamento das Adversidades em Período de Pandemia.

Professoras Síntese das Respostas

P1	<i>Através de telefonemas para alcançar o aluno, reuniões eram em formato virtual, o único recurso que a escola disponibilizou foi à impressão colorida.</i>
P2	<i>Contato via WhatsApp com os alunos, atividade eram disponibilizadas impressas para o aluno buscar na escola, materiais e jogos pedagógicos da sala de recursos eram utilizados nas aulas.</i>
P3	<i>A iniciativa partiu do professor de AEE na busca pelos alunos, apostilas eram disponibilizadas aos estudantes, até mesmo, enviada até a casa do aluno pelo professor, em caso de desinteresse dos pais. A escola apenas recomendou o uso do Google Meeting.</i>

Fonte: Elaboração Própria.

A decisão que a escola propôs para alcançar o estudante durante o período de aulas remotas, se deu através de telefonemas e mensagens de texto pelo aplicativo de mensagem do *WhatsApp*. Todas as escolas seguiram a mesma metodologia das apostilas, ferindo a autonomia educacional, como disse Queiroz et al (2022), ao se conceber a escola em instituição inclusiva, ela precisa oferecer uma rede de apoio e serviços, que se alinhem a concepções de acesso e permanência a os EPAEE.

O Quadro 4 analisa as respostas das questões de múltipla escolha 7, 8 e 9 que dissertam sobre a finalidade de descobrir qual a interação estabelecida entre a escola e família e como essa relação interfere o desenvolvimento do estudante PAEE.

Quadro 4 – Comunicação Entre Escola e Família.

Professoras Síntese das Respostas

P1	<i>A comunicação entre as instituições escola e família se deu parcialmente. Houve pouca procura por parte familiar e pouco incentivo escolar.</i>
P2	<i>Houve um distanciamento na comunicação, porém a família foi ativa em participar da aprendizagem do EPAEE.</i>
P3	<i>Houve distanciamento, não houve contato familiar e pouco incentivo por parte da escola.</i>

Fonte: Elaboração Própria

De fato, houve distanciamento na comunicação entre escola e família. Em um momento crítico e delicado da educação, a escola/família enquanto instituição fundamental no processo de construção do indivíduo/estudante, em diversas atitudes negligenciou a escolarização do estudante PAEE. Assim, Oliveira et al

(2021) apontam que de acordo com sua atuação (professor) pode ser inibidora ou propulsora do crescimento evolutivo do PAEE.

A análise do quadro 5 se deu a partir de cinco questões, sendo uma delas a questão número 5, que compõe as perguntas de diagnóstico do perfil das participantes, as demais perguntas foram as 10, 11, 12 e 13, que versam a respeito de descobrir se houve a existência do ensino colaborativo nas práticas educativas das professoras e como este foi utilizado, se houve colaboração entre os membros da escola.

Quadro 5 – O Ensino Colaborativo

Professoras **Síntese das Respostas**

P1	<i>Tem conhecimento da proposta do ensino colaborativo, com muita dificuldade conseguiu trabalhar em colaboração com os demais professores e dar suporte a os familiares de alunos, mesmo com sua experiência no AEE não foi o suficiente para enfrentar as adversidades do ensino remoto.</i>
P2	<i>Possui conhecimento sobre a proposta do ensino colaborativo, conseguiu trabalhar em colaboração com uma professora de sala comum onde planejavam e executavam atendimentos ao aluno, sua experiência com o AEE facilitou seu trabalho, sendo que boa parte dos professores apresentam resistência à colaboração.</i>
P3	<i>Além de possuir conhecimento põe em prática a proposta, porém no período de aulas remotas se sentiu sozinha e não conseguiu parceria para pôr em prática o ensino colaborativo, sua experiência não foi suficiente nesse período.</i>

Fonte: Elaboração Própria

Todas as professoras conheciam e possuíam domínio da proposta do ensino colaborativo, a pesquisa deu ênfase às dificuldades de execução dos serviços que a colaboração proporciona, muitas vezes por resistência em trabalhar em equipe, por grande parte do corpo docente, que segundo Bauwens (1995, *apud* CABRAL, 2009, p. 2078) ainda insistem em exercer um papel tradicionalmente individualista.

O Quadro 6 apresenta resultado das questões 14, 15 e 16, que mapearam de acordo com a percepção das professoras de AEE os impactos da pandemia na aprendizagem dos PAEE.

Quadro 6 – Os impactos da pandemia na aprendizagem dos alunos

Professoras *Síntese das Respostas*

P1	<i>Nunca antes teve experiência educacional de forma remota, alega que a aprendizagem dos alunos sofreu enorme prejuízo, visto que a prefeitura disponibilizava atividade e a escola adaptava e fazia sua impressão para disponibilizar as famílias.</i>
P2	<i>Não teve experiência de ensino remoto, enfatiza prejuízos para grande parte dos alunos que não possuíam recursos tecnológicos para acompanhar as aulas síncronas e outras orientações digitais, tendo de se contentar apenas com as apostilas disponibilizadas pelo município.</i>
P3	<i>Nunca obteve experiência remota antes, explica que a pandemia impactou em maior prejuízo a aprendizagem do aluno, quando podia entregava as apostilas na casa do aluno, para orientar nas atividades.</i>

Fonte: Elaboração Própria

A pandemia enfatizou que nunca estamos preparados o suficiente, de acordo com as respostas analisadas, as professoras nunca antes haviam tido experiência de aulas remotas, ou se quer, imaginar em ministrar aulas dessa forma para estudantes PAEE. De acordo com a análise dos resultados, as professoras afirmam a mesma ideia dos autores Grossi, Minoda e Fonseca (2020) alega que é irreversível os impactos da Covid-19 e que 87% da população estudantil mundial foram afetados pela suspensão das aulas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em decorrência da covid-19, o isolamento social prevaleceu sobre o âmbito educacional, os estudantes da educação especial tiveram mudanças em sua rotina escolar, essas mudanças também foram sentidas pelos professores de AEE. Com isso, levantar as percepções de professores de AEE sobre suas práticas colaborativas voltadas para o ensino de pessoa com deficiência em tempos de pandemia da Covid-19 foi o objetivo geral de pesquisa, além de compreender, como os professores de AEE utilizaram dos serviços de apoio especializado que o ensino colaborativo dispõe, durante o período de ensino remoto? Conhecer, quais os limites e possibilidades da estratégia de ensino desse profissional? Além de buscar compreender os impactos da pandemia na aprendizagem do estudante EPAEE.

De acordo com os resultados obtidos, durante o período de ensino remoto, a proposta do ensino colaborativo não pode ser executada em sua totalidade devido à resistência por parte de professores, as professoras sentiam-se despreparadas em suas práticas educativas, o que se tornou sua maior limitação, além da efetividade do aprendizado dos EPAEE ser prejudicada com os impactos da pandemia.

A pandemia da Covid-19 desencadeou muitos impactos negativos nas diferentes áreas da educação, desde perdas no processo de aprendizagem a mudanças na rotina escolar, tal rotina, a qual é grande propulsora de incentivo aos estudos, principalmente para o Público-Alvo da Educação Especial. Outros estudos precisam ser feitos sobre a temática da inclusão do estudante PAEE no período de pandemia, afinal soluções precisam vir à tona, para que esse indivíduo não precise sofrer a exclusão da escola e até dentro de casa.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA SENADO. Elisa Chagas. **DataSenado**: quase 20 milhões de alunos deixaram de ter aulas durante pandemia. 12/08/2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durantedepandemia>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- ANDES-SN. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN. Grupo de Trabalho de Política Educacional. Projeto do capital para a educação, volume 4: **O ensino remoto e o desmonte do trabalho docente**. 2020. Disponível em: https://issuu.com/andessn/docs/cartilha_ensino_remoto. Acesso em: 15 jan. 2023.
- ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, 7(1), 257-275. 2020
- BARDIN, L. (2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.
- BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.
- BRASIL: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). **Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 05 out. 2009. Seção1, p. 17.
- BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Seção 1, p. 12.
- BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Seção 1, p. 2.
- BRASIL. **Parecer CNE CP nº 05/2020. – Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19**. Brasília: MEC, 2020.

BUENO, José Geraldo S. O atendimento educacional especializado (AEE) como programa nuclear das políticas de educação especial para a inclusão escolar. **Tópicos Educacionais**, Recife, vol. 22, n.1, 68-87, 2016.

CABRAL, Leonardo Santos Amâncio. O Ensino Colaborativo na Classe Comum para a Viabilização da Inclusão Escolar: V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. **Anais** do evento, UEL, Paraná v, p. 2078-2083, 2009.

CARVALHO, J.B.S. **A importância da formação de professores na escola inclusiva: estudo de caso da escola classe nº 64 de Ceilândia Sul-Brasília/DF**. Universidade de Brasília. Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. 2015

CAPELLINI, V. L. M. F. **Avaliação das possibilidades do ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental**. 2004. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

CRUZ, Larissa Soares; DE PAIVA, Maria Aparecida Ferreira; DOS SANTOS, Andréa Rizzo. A IMPLANTAÇÃO E O FUNCIONAMENTO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCAIONAIS EM UM PEQUENO MUNICÍPIO PAULISTA. **Cadernos Macambira**, v. 6, n. 1, p. 281-292, 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**: O dicionário da língua portuguesa. 5 ed. Curitiba: Editora Positivo Ltda, 2010.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.

GROSSI, Marcia Gorett Ribeiro; MINODA, Dalva de Souza; FONSECA, Renata Gadoni Porto. O Impacto da pandemia do Covid-19 na educação: reflexos na vida das famílias. **Teoria e Prática da Educação**, v. 23, n. 3, p. 150-170, set./dez. 2020.

GUERRA, Gerusa Cabral et al. Educação em tempos pandêmicos: o uso do aplicativo WhatsApp como proposta de comunicação em aulas remotas. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 5, n. 4, p. 273-285, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continua**: desemprego 2020. Disponível em: [Painel de Indicadores | IBGE](#)

LIMA, Jorge Ávila de . **As Culturas Colaborativas nas Escolas: estruturas, processos e conteúdos**. Porto: Porto Editora. 2002.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.28, n.4, out.-dez. 2021, p.1263-1267.

MENDES, Eniceia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amélia; TOYODA, Cristina Yoshie. Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular. **Educar em Revista**, p. 80-93, 2011.

NETO, Artur Maciel de Oliveira; SIMONE, Michelle de Souza; CARVALHO, Gisele Gonçalves de. Ensino em tempos de pandemia: relatos de experiências docentes aliadas às práticas colaborativas inclusivas. In: **IV Congresso Nacional em Educação - Diamantina-MG, 2021**. Disponível em:

<<https://www.doity.com.br/anais/ivconed/trabalho/197541>>. Acesso em: 05/01/2023 às 00:38

QUEIROZ, Fernanda Matrigani Mercado Gutierrez; RAMOS, Andréa Carvalho; SILVA MELO, Márcia Helena. Atuação dos profissionais de apoio escolar junto aos estudantes com deficiência durante a pandemia da covid-19. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 723-741, 2022.

RAASCH, Leida; DE CRISTOFOLETI, Rita. EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINAR E O APRENDER. **Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**, v. 3, n. 3, 2020.

RABELO, L. C. C. **Ensino colaborativo como estratégia de formação continuada de professores para favorecer a inclusão escolar**. 2012. 200f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. UFSCar. São Carlos, 2012.

RAMOS, D. B. AMORIM, E. C. G. PAIVA, M. D. B. HONNEF, C. O ensino colaborativo: Elementos facilitadores, inibidores e fatores de contribuição desse ensino. **Educação contemporânea metodologias**, Belo Horizonte, Brasil, v. 13, p. 21-28. Poisson, 2021.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e sociedade**, v. 67, n. 31, p. 36-49, 2021.

SILVA, Glaciélma de Fátima et al. EDUCAÇÃO ESPECIAL E ENSINO COMUM: ENSINO COLABORATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**, v. 3, n. 3, 2020.

TURCHIELLO, P.; SILVA, S. S. M.; GARESCHI, T. **Atendimento educacional especializado**. In: SILUK, C. P. (Org.). **Atendimento educacional especializado: contribuições para a prática pedagógica**. Santa Maria, RS: UFSM, 2014.

UNESCO. Declaração de Salamanca e suas Linhas de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Brasília, DF, 1994. Disponível em <[Microsoft Word - Documento3 \(mec.gov.br\)](#)> Acesso em 08 de dez. 2022.

VILARONGA, C. A. R. **Colaboração da educação especial em sala de aula: Formação nas práticas pedagógicas do coensino**. 216f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. UFSCar. São Carlos, 2014.

ZANATA, E. M. **Práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa**. 2004. 201f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

ZERBATO, A. P. **O papel do professor de educação especial na proposta do coensino**. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA	
Pesquisa: Ensino Colaborativo na Pandemia: A Percepção de Professoras do AEE	
Orientadora: Eliana Marques Zanata	Instituição/ Departamento: Unesp/Departamento de Educação
Telefone: (14) 3103-6081 Ramal 9565	Endereço Eletrônico: eliana.zanata@unesp.br
Aluna responsável: Erica Brito Dias	Instituição/Departamento: Unesp/Departamento de Educação
Telefone: (96) 98402-7142	E-mail: erica.brito@unesp.br
<p>Justificativa: Em decorrência da pandemia da Covid-19 e o isolamento social ter se abrangido até o âmbito educacional, muitos alunos da educação especial obtiveram mudanças em sua rotina escolar, essas mudanças também foram sentidas pelos professores de AEE que tiveram de planejar e repensar suas estratégias de ensino para que o aluno público-alvo da educação especial não ficasse desamparado em tempos de ensino remoto. Por este motivo, é importante mapear como os professores de AEE fizeram proveito dos serviços de apoio especializado que o ensino colaborativo propõe, visando à inclusão, acessibilidade e direito desses alunos para que melhores condições de ensino sejam oportunizadas.</p> <p>Benefícios: Os resultados obtidos nesse estudo contribuirão para pesquisas na área do Ensino colaborativo em tempos de Pandemia voltado para o PAEE.</p> <p>Riscos: Aparentemente, a pesquisa não oferece riscos. Entretanto, caso haja algum tipo de desconforto no decorrer da coleta de dados, os participantes possuem o direito de interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem prejuízos.</p> <p>Observações: Ressalta-se que não haverá qualquer forma de pagamento pela participação na pesquisa.</p>	
<p>Objetivo: Tem por objetivo levantar as percepções de professores de AEE sobre suas práticas colaborativas voltadas para o ensino de pessoa com deficiência em tempos de pandemia da Covid-19.</p>	
<p>Metodologia: Será realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, questionário investigativo, com o propósito de esclarecer e aprofundar estudos sobre o ensino colaborativo no período de pandemia da covid-19, incluindo aspectos sociais e culturais. Será utilizado o seguinte instrumento: um questionário que investigará o nível de conhecimento dos profissionais de AEE a respeito das práticas de ensino colaborativo exercidas em tempo de pandemia em instituições pública municipal de ensino.</p>	
<p>Outras informações: Explicitamos que para a realização desta pesquisa não se prevê riscos ou desconfortos aos participantes, pretendendo trazer benefícios e contribuições para a didática, a reflexão e a formação dos professores de AEE. Asseguramos que as informações sobre a vida pessoal e nomes dos participantes envolvidos na pesquisa, serão mantidas em sigilo de acordo com a Resolução CNS 466/2012.</p>	

IDENTIFICAÇÃO DO VOLUNTÁRIO
Nome do participante:
RG.:
<p>Declaro ter sido informado (a) de maneira clara e detalhada sobre as justificativas, os objetivos e a metodologia da pesquisa intitulada ENSINO COLABORATIVO NA PANDEMIA: A PERCEPÇÃO DE PROFESSRAS DO AEE, bem como as atividades envolvidas.</p> <p>Estou ciente de que a minha privacidade será respeitada, ou seja, sigilo de informações sobre a vida pessoal, e, também a não divulgação do nome próprio.</p> <p>Estou ciente de que posso me recusar a participar, retirar meu consentimento ou interromper minha participação a qualquer momento, sem precisar justificar.</p> <p>Não haverá custo ou pagamento de qualquer ordem.</p> <p>Estou ciente de que a participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.</p> <p>Estou ciente de que minha identidade (nome e dados pessoais) não serão revelados em nenhuma publicação desta pesquisa; por conseguinte, consinto na publicação para propósitos científicos.</p> <p>Declaro que concordo com a minha participação, como voluntário (a), da pesquisa acima descrita.</p> <p>Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.</p> <p style="text-align: right;">Bauru-SP, ____/____/____</p> <p style="text-align: center;">_____ Assinatura</p>

APÊNDICE B**PERFIL DO ENTREVISTADO**

1. Sexo

Masculino

Feminino

2. Nível de escolaridade

Licenciatura em Pedagogia

Outro Tipo de Licenciatura

Pós Graduação Lato Sensu

Mestrado

Doutorado

3. Tempo de serviço na educação

anos

4. Tempo de serviço na Sala de Recursos ou AEE

anos

5. O ensino colaborativo ou coensino é um modelo de prestação de serviço de educação especial no qual um educador comum e um educador especial dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar a instrução de um grupo heterogêneo de estudantes. Mendes (2011a)

De acordo com o enunciado acima. Você conhece a proposta do Ensino Colaborativo?

Conheço inteiramente;

Conheço mais ou menos;

Conheço e ponho em prática;

Conheço mais nunca vi em prática;

Desconheço inteiramente.

QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO

1. Durante o período de pandemia da Covid-19 você se sentiu preparado (a) para atuar com ensino remoto no AEE? Justifique.
2. O ensino remoto perdurou em nosso país cerca de dois anos. Nesse período você conseguiu planejar, repensar ou adequar sua prática pedagógica?
3. As expectativas de seu planejamento escolar no período remoto foram atendidas? Relate uma prática pedagógica bem sucedida.
4. Quais foram às medidas iniciais tomadas pela gestão escolar para alcançar o aluno PAEE?
5. Quando foi decretado o isolamento social e suspensas as aulas, como a escola em que você estava atuando, organizou e disponibilizou as atividades educacionais no modo remoto em termos de agilidade e acolhimento dos educandos?
6. Quais os materiais e recursos (físicos, tecnológicos e virtuais) que a escola disponibilizou ou recomendou sua utilização para melhor atender a pratica docente?
7. Em relação à sua comunicação com o aluno PAEE e a família, você considera que:
 - () A comunicação continuou da mesma forma, porém via remoto.
 - () Houve um distanciamento na comunicação.
 - () Durante a pandemia perdi a comunicação com a maior parte dos alunos PAEE.
 - () Havia comunicação antes da pandemia e não houve comunicação nenhuma com o PAEE durante o período remoto.
 - () Não havia comunicação antes e continuamos distantes no período remoto.

8. Com relação à escola e família. Em sua opinião a família se fez presente na escolarização dos PAEE no período remoto.
- () Sim, a maioria das famílias foi participativa.
 - () Não, a maioria das famílias não foi participativa
 - () Parcialmente, as famílias tentaram, mas nem sempre conseguiram acompanhar os estudos dos alunos.
9. Em sua opinião a gestão escolar ofereceu suporte a os familiares de PAEE?
- () Sim, na maior parte do tempo.
 - () Não, raramente isso ocorreu.
 - () Parcialmente, só agiam quando solicitados.
10. Durante a Pandemia da Covid-19 você conseguiu por em prática a proposta do ensino colaborativo? Sim ou não? Justifique.
11. Considerando seu planejamento e ação, cite uma estratégia que utilizou em conjunto ao professor de ensino comum para o desenvolvimento das atividades educacionais no período remoto.
12. Sua experiência no âmbito da educação especial, em detrimento ao ensino colaborativo, lhe capacitou adequada ou suficientemente para enfrentar as adversidades encontradas durante o período de atividades educacionais remotas oriundas da Pandemia da Covid-19?
13. Como você classifica o ensino/trabalho colaborativo na instituição de ensino que você desempenhou sua função durante o período do ensino remoto?
14. Antes da Pandemia da Covid-19 você obteve alguma experiência de atendimento educacional especializado de forma remota? Comente.

15. A suspensão das aulas presenciais impactou negativamente a aprendizagem dos alunos. Quais estratégias ou protocolos utilizados por seu município na tentativa de suavizar os prejuízos pedagógicos?

16. Levando em consideração o nível de ensino que você atua enquanto docente. Você considera maior ou menor o prejuízo pedagógico, causado pela suspensão das aulas presenciais, comparado a outros níveis de ensino?

17. Deixe um depoimento ou comentário que julgar importante sobre o ensino colaborativo ou sua ausência durante o período do ensino remoto.